



VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL & X CURSO DE CAPACITAÇÃO TÉCNICA



Possibilidade de prática esportiva para PC's. Atletismo

Rosicler Ravache



CLASSES

T 31 , T 32, T 33, T 34

Atletas **que utilizam cadeira de rodas** para as **provas de pista**.



Fonte :Chris Hyde/Getty

CLASSES

T 35, T36, T37, T38

Atletas que fazem **provas de pista sem auxilio de cadeira**.



Fonte:Patrik Lundin/Getty

CLASSES

F 31 , F 32,F33, F34

Atletas que **usam banco** para As **provas de campo**.

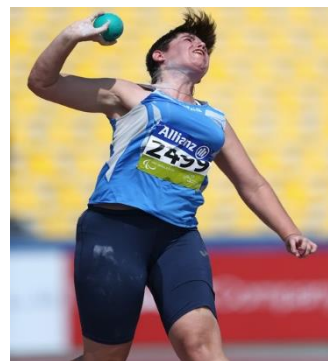


Fonte: Warren Little/Getty

CLASSES

F 35,F 36,F 37,F 38

Atletas que fazem **provas de campo em pé sem auxilio de banco**.



Fonte:Warren Little/Getty

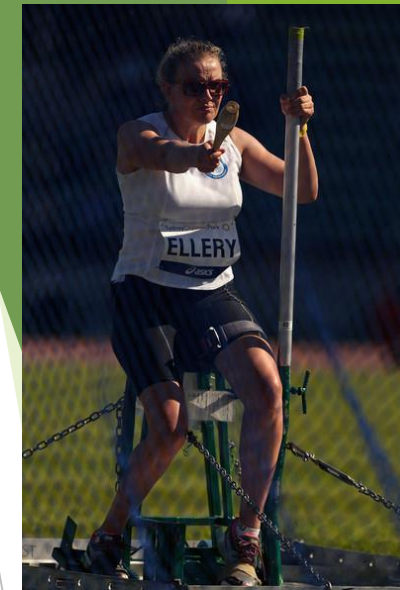
CLASSE 31

Determinado claramente pela (muito) fraca função das mãos em agarrar o peso, disco, dardo em associação com o movimento de lançar. A pessoa pode ter uma adequada função estática mas não tem função quando lança devido a atetóide ou espasticidade.

Raros atletas nesta classe no atletismo.

Classe 32

O atleta apresenta frequentemente um agarre esférico ou cilíndrico e pode demonstrar suficiente destreza para manipular e lançar uma bola, mas irá exibir fraco agarre e soltura. Pode executar movimentos de propulsão de cadeira.



Fonte: Robert Prezioso/Getty



Fonte: Michael Steele/Getty



Fonte: Martin Hunter/Getty



Fonte: Martin Hunter/Getty

Classe 33

Pode andar com assistência ou com aparelhos por curtas distâncias.
Controle de tronco - bom ao tocar a cadeira. O movimento do tronco para frente é limitado pelo tônus extensor durante o tocar da cadeira.

Função da mão dominante pode mostrar agarre cilíndrico e esférico com fraca habilidade dos dedos demonstrável na soltura do peso e do disco



esco NISSAN KICKS POWERADE®



MEN'S 100M - T33

START LIST - FINAL

- 1
- 2 KUW  AHMAD ALMUTAIRI
- 3 GER  DENIS SCHMITZ
- 4 GBR  TOBY GOLD
- 5 KUW  NASER SALEH
- 6 GBR  DANIEL BRAMALL
- 7 USA  JOHN ROBERTS
- 8 GBR  ANDREW SMALL
- 9

Classe 34

Diplégico - Moderado a severo . Força funcional boa com mínimas limitações ou problemas de controle notados no membros superiores e tronco.

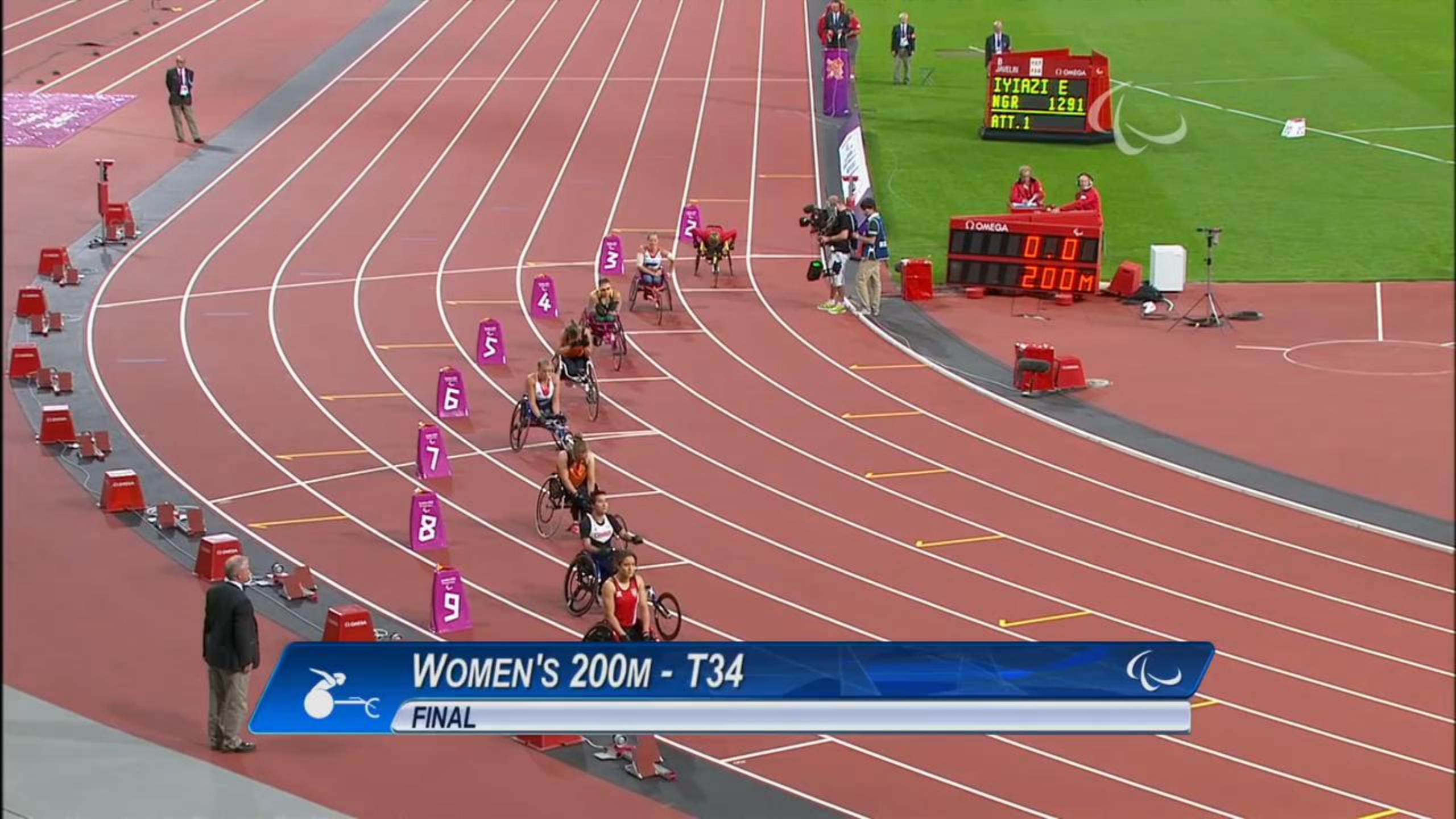
Extremidades inferiores - Moderado a severo envolvimento em ambas as pernas. dando a ele uma não- funcionalidade para andar longas distancias sem o uso de equipamentos de ajuda. Uma Cadeira Rodas é usualmente escolhida para a prática do esporte.



Fonte: Charlie Crowhurst/Getty



Fonte: Francois Nel/Getty



PARALIM
IYIAZI E
NGR 1291
ATT. 1

OMEGA
0.0
200M

 WOMEN'S 200M - T34
FINAL

Classe 35

Quadriplégico - Atetóide ou ataxia com espasticidade.

Membros inferiores - Espasticidade grau 3 ou 2. Envolvimento de ambas as pernas e com suficiente habilidade para correr na pista.

Normalmente têm bom equilíbrio estático mas exibe problemas nas atividades de equilíbrio dinâmico.

Membros superiores - Atetose é o fator mais predominante e o atleta demonstra significativamente mais problemas de controle que o T/34. Controle da mão pegada e soltura são afetados durante os lançamentos.



Fonte: Julian Finney/Getty



Fonte: Francois Nel/Getty



NISSAN
PETROBRAS Bradesco KICKS POWERADE®



ATHLETICS

MEN'S 100M - T35

UKR  IHOR TSVIETOV

UKR  IHOR TSVIETOV

2016  12.22

2016  12.22

Classe 36

Quadriplégico - Atetóide ou ataxia com espasticidade. Moderado envolvimento.

Membros inferiores - Espasticidade grau 3 ou 2. Envolvimento de ambas as pernas e com suficiente habilidade para correr na pista. Normalmente têm bom equilíbrio estático mas exibe problemas nas atividades de equilíbrio dinâmico.

Membros superiores - Atetose é o fator mais predominante e o atleta demonstra significativamente mais problemas de controle que o T/35. Controle da mão pegada e soltura são afetados durante os lançamentos.



Fonte: CPB



Fonte: Mike Hewitt/Getty

Classe 37

Durante o caminhar o Classe 7 demonstra uma hesitação no lado afetado. Durante a corrida a hesitação pode desaparecer quase que completamente.

A razão disso é que durante o caminhar a perna de suporte na fase de apoio começa com o apoio do calcanhar. Essa é a ação de maior dificuldade para pessoas com paresia espástica. Na corrida apenas a parte anterior do pé toca o solo provendo apoio e impulso. O músculo "gastrocnêmio" nos atletas classe 7 facilita o impulso e o toque do calcanhar não se torna necessário.

Dessa forma, apresenta uma maior visão de padrão regular de corrida. O atleta Classe 7 demonstra uma fraqueza na pegada do joelho nas corridas rápidas e um comprimento de passada assimétrico devido à carência de rotação pélvica completa e a espasticidade dos posteriores da coxa desaceleram também, rapidamente a perna comprometida.





Rio2016

2

BRA



MATEUS EVANGELISTA CARDOSO



6.21M

0.0m/s



2

BRA



SHIRLENE COELHO

F37 

31.50M

32.55M

32.39M

33.31M

32.74M

Classe 38

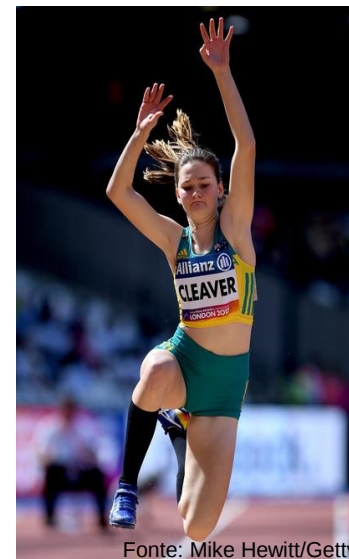
Envolvimento mínimo. Essa classe é para os diplégicos espásticos, afetados minimamente grau 1:hemiplégico espástico grau 1: monoplegia, atletas com mínimo atetose/ataxia. Um atleta deve ter uma óbvia diminuição de função evidenciada durante a classificação. Esses atletas podem parecer ter perto de uma função normal quando correndo mas o atleta deve demonstrar uma limitação na função para o classificador, baseado na evidencia de espasticidade (aumento de tonus), ataxia, atetose ou movimentos distônicos durante a execução no campo ou em treino.



Fonte: Brendon Thorne/Getty



Fonte: Francois Nel/Getty



Fonte: Mike Hewitt/Getty

PETRA



O que é?

Uma das modalidades mais recentes, a Petra é praticada no Brasil desde 2009 por iniciativa da Ande. Criada na Dinamarca, ela é mais uma opção para atletas com paralisia cerebral, que correm em seus próprios pés apoiados em um suporte. No exterior, o esporte é chamado de Race Running.

Na Petra, os atletas são classificados entre RR1, RR2 e RR3, sendo a três a de menor gravidade.

Mas e o nome? Ele é uma homenagem ao mascote homônimo das Paralímpíadas de Barcelona de 1992, que demonstrou uma performance incrível na modalidade.

Fonte:

<http://www.ande.org.br/petra>

Regras



- O equipamento parece uma bicicleta, mas não é. Ele conta com suporte para o tronco, assento, guidão e três rodas. Sentiu falta de alguma coisa? Pois é, os atletas não usam pedal, mas sim seus próprios pés para correr ou caminhar.

Fonte:

<http://www.ande.org.br/petra/>

RaceRunning

RECREAÇÃO



Muito Obrigada



Rosicler Ravache

rosiclerravache@gmail.com